



NA TELA, O ROMANCE "A MORENINHA" FICOU AINDA MAIS LEVE E INGENUO. NA CENA: SÔNIA BRAGA

aos contemplados residentes nas capitais que procurem o representante do Instituto para instruí-los como proceder. Quanto aos moradores do interior, a fonte de orientação são os agentes vendedores do ingresso padronizado, que podem ser os bancos ou a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

EXTINÇÃO

De acordo com a Resolução n.º 51, de 14/1/1971, os sorteios do INC foram extintos, porém serão efetuados até a total finalização das séries impressas com referência a sorteio. As séries são as seguintes: NRO/001 a 246, NVE/001 a 460, NAZ/001 a 289, NLA/001 a 229, NMA/001 a 198 e NAM/001 a 045. Total das séries, 1467.

Até 21-1-71 foram sorteadas 176 séries faltando 1291. Como são programadas, mensalmente, 50 séries para sorteio, o INC levará ainda 26 meses para encerrar definitivamente os sorteios, isto é, em fevereiro de 1973. Com as 176 séries sorteadas foram concedidos 528 prêmios comuns e mais 18 automóveis, totalizando 546 prêmios, dos quais só foram entregues 17.

A MORENINHA VENCE MOSTRA DE GUARUJÁ

A comédia musical *A Moreninha*, baseada no romance homônimo de Joaquim Manoel de Macedo, "pelo cuidado com que foi feita, tanto em termos de produção como de direção", foi a fita vencedora do I Festival de Cinema Brasileiro, realizado na cidade paulista de Guarujá, entre 24 e 25 de novembro do ano passado. Além do prêmio de Melhor Filme (troféu "Pérola do

Atlântico" e Cr\$ 4 mil), *A Moreninha* levantou os laureis destinados ao Melhor Diretor (Glaucio Mirko Laurelli, Cr\$ 3 mil) e Melhor Fotografia (Rudolf Icsy, Cr\$ 1.500 mil).

Na opinião do júri da mostra, constituído de Van Jafa (crítico e presidente), Orris José Malta Cardoso, Eduardo Pires de Campos, Plínio Garcia Sanchez, Tom Payne, José Júlio Spiewak e Ricardo Roman, "o tratamento irônico conferido pelo diretor, gozando o próprio romantismo da ambientação", fez com que *A Moreninha* ganhasse uma dimensão original e superasse os seus concorrentes, seis ao todo.

Os outros premiados do festival: Ewerton de Castro, Melhor Ator (*Paixão na Praia*, de Alfredo Sternheim); Inês Knaut, Melhor Atriz (*Uma Mulher para Sábado*, de Maurício Riner); Zózimo Bulbul, Melhor Coadjuvante Masculino (*A Guerra dos Pelados*, de Sílvio Back); Lola Brah,

Melhor Coadjuvante Feminina (*Paixão na Praia*). Revelação de Guarujá-70: Marie Dorothee Bouvier (*A Guerra dos Pelados*). Melhor Curta-Metragem: *Rio Desconhecido*, de Sérgio Segall.

Depois de *A Moreninha*, o filme mais premiado foi o épico paranaense de Sílvio Back, *A Guerra dos Pelados*, que conseguiu dois troféus. A fita narra a história da Guerra do Contestado, ocorrida no início do século, em Santa Catarina. Baseando-se no romance "Geração do Deserto", de Guido Wilmar Sassi, o realizador de *Lance Maior*, conseguiu fazer um espetáculo entre a lenda e a realidade, "uma tragédia popular quase contemporânea" (Cf. entrevista do diretor em FC-16).

Uma Mulher para Sábado impôs ao júri a presença forte (dramaticamente) e sensível (artisticamente) de Inês Knaut, atriz jovem que estreou profissionalmente em *As Amoras*, de Walter Hugo

Khouri. Outra intérprete que passou pela orientação khouriana, Lola Brah, deu a *Paixão na Praia* um marcante desempenho coadjuvante, que o júri referendou. Lola também foi escolhida a "Personalidade do Festival".

Filmes que concorreram e não obtiveram nenhuma menção: *Bahia, Por Exemplo*, documentário em cores de Rex Schindler; *Se Meu Dólar Falasse*, de Carlos Coimbra, e *Um é Pouco, Dois é Bom*, do gaúcho Odilon Lopes, os dois últimos inscritos de última hora em substituição a *Um Asilo Muito Louco*, de Nélsor Pereira dos Santos, *Neném Bandalho*, de Emilio Fontana.

Paralelamente à mostra competitiva, o diretor Tom Payne organizou uma Retrospectiva do Cinema Brasileiro, com os seguintes títulos: *Vidas Secas*, de N. P. dos Santos; *O Pagador de Promessas*, de Anselmo Duarte; *Sinhá Moça*, de Tom Payne e Oswaldo Sampaio; *Na Garganta do Diabo*, de

GLAUCO MIRKO LAURELLI RESPEITOU INTEGRALMENTE A MARCAÇÃO TEATRAL DE CLAUDIO PETRAGLIA



Walter Hugo Khouri e *O Cangaceiro*, de Lima Barreto.

GLAUCO MIRKO LAURELLI EXPLICA SEU MUSICAL

Mais de um século depois de ter conquistado o público leitor de sua época, o romance "A Moreninha" ganha sua versão cinematográfica, em forma de comédia musical e em tom de superprodução. Os responsáveis pelo original empreendimento foram os adaptadores Miroel Silveira e Cláudio Petraglia, a produtora Lauper Filmes e o diretor Glauco Mirko Laurelli, até então um técnico eficiente e caprichoso (Cf. *Casinha Pequena* e *Meu Japão Brasileiro*).

Glauco Mirko Laurelli nasceu em São Paulo em 3 de junho de 1930. Estreou no cinema em 1950, após participar de um seminário no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que contou com a presença de Alberto Cavalcanti. Seus primeiros trabalhos foram na Maristela, Multifilmes e Vera Cruz, onde funcionou como assistente de produção, direção e montagem.

Entre 1957 e 1958, dirigiu dublagens de filmes para a televisão. Foi montador e diretor-assistente de *Seara Vermelha*, de Tom Payne. Curvou o Centro Sperimentale de Cinematografia, de Roma, com uma bolsa de estudos oferecida pelo Governo italiano. Ao retornar ao Brasil, participou de vários filmes como assistente de direção e montador. Finalmente, realizou para Mazaroppi: *Casinha Pequena*, *Lamparina e Meu Japão Brasileiro*.

Novamente como montador, em São Paulo S.A., de Luiz Sérgio Person, recebeu o "Prêmio Prefeitura de São Paulo". Outras laureas: "Saci" e "Prêmio Governador do Estado". Com Person, fundou a Lauper Filmes, que produziu *O Caso dos Irmãos*



FILMAGEM DE O CÍRIO. NA CÂMARA, O FOTOGRAFO PAULO JORGE

Naves, *Panca de Valente*, ambos dirigidos por seu sócio, e *A Moreninha*.

FC — Por que decidiu adaptar o livro de Joaquim Manoel de Macedo?

GML — Acho importante o aproveitamento de obras literárias de reconhecida expressão, como é o caso de "A Moreninha" que, cronologicamente, é o primeiro romance brasileiro. Ademais, a personagem do romance ainda sobrevive nos tempos atuais, embora tenham decorrido 126 anos. Macedo foi muito preciso na caracterização de seus personagens e do ambiente, que também permanecem, pelo menos em algumas partes do Estado do Rio.

FC — Parece não haver muita diferença entre a adaptação do romance como foi apresentada no palco e a sua versão cinematográfica?

GML — Procurei me manter fiel à adaptação teatral, porque ela traduzia uma reconstituição autêntica dos ambientes e dos costumes da época, o século 19. Mas essa submissão me limitou bastante na filmagem, no que diz respeito à criação.

FC — Em que tipo de pú-

blico você pensou ao fazer *A Moreninha*?

GML — Pensava no público infanto-juvenil, e logo acho que deve fazer parte obrigatória de qualquer currículo escolar. Queria também fazer uma fita musical, o que nem sempre é bem aceito pelo público, já formado em outro tipo de cinema.

FC — Como você vê os atuais caminhos do cinema brasileiro?

GML — Apesar de não me colocar dentro de qualquer corrente ou escola, acho que o cinema brasileiro está atravessando uma fase importante rumo ao seu desenvolvimento. Dentro do nosso cinema, me considero um veterano, embora me interesse pelos vários tipos de filmes que se fazem agora.

FC — Projetos imediatos?

GML — No momento, pretendo fazer apenas filmes para crianças, talvez mais um musical.

PARAENSES FILMAM A FESTA DO CÍRIO

A festa do Círio de Nazaré, importante acontecimento re-

ligioso no Norte do país, até então inédito em cinema, foi documentado agora em filme por quatro jovens cineastas amadores paraenses, vencedores de um concurso de roteiros promovido pelo Departamento de Turismo da Prefeitura de Belém em colaboração com o Instituto Nacional do Cinema. Dezesseis concorrentes participaram do concurso, cujo prêmio foi denominado "Ministro Jarbas Passarinho".

O filme, um documentário a cores de dez minutos, foi realizado por: Ademir Silva, Euclides Bandeira, Hamilton Bandeira e Miracy Silva, diretores e roteiristas. A fotografia é de Paulo Jorge e Porfírio da Rocha. Malr Tavares, montador carioca, se encarregou de sua edição. Composições de Villa Lobos e Bernard Krauser foram utilizadas na faixa musical. Laboratórios: Lider (revelação) e Atlântida (som). Título da fita: *O Círio em Três Tempos*.

FC — Quanto tempo durou a filmagem?

R — A filmagem durou apenas quatro horas, tempo de duração da procissão do